

ESCOLA BILÍNGUE PARA SURDOS: porque ela é tão importante?

Maria Rerbelânia de Souza Pereira¹

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo esclarecer o que é uma escola bilíngue para surdos, qual a diferença entre a mesma e a escola regular na escolarização de surdos e porque ela é tão importante. Como metodologia optamos por uma pesquisa bibliográfica, o que nos possibilitou estudar várias particularidades sobre o tema, justificando a relevância do presente trabalho. Tomamos como base teórica alguns autores que se destacaram nas pesquisas sobre pessoas surdas através do tema escola bilíngue para surdos, como Guarinello (2009), Quadros (1997) e Skliar (1999), bem como diversos autores que destacaram a importância da escola bilíngue para surdos através dos pontos: diferença linguística, currículo escolar, metodologias de ensino, didática, práticas educativas, cultura e identidade surda. Esperamos contribuir de alguma forma para a formação de novos professores, despertando o interesse em atuarem nas escolas bilíngues para surdos, além de uma reflexão sobre a valorização da cultura surda e sua divulgação, incentivando novos estudos na área que busquem ainda mais apresentar à sociedade o surdo, sua língua e cultura.

Palavras-chave: Surdos. Escola bilíngue para surdos. Escola Regular.

1 INTRODUÇÃO

Diferente das escolas regulares, nas escolas bilíngues para surdos todo o ensino é feito na língua materna do aluno, e isso garante um melhor aprendizado. A presença do profissional intérprete de LIBRAS nas escolas regulares não significa inclusão. Ele realiza a interpretação de uma língua fonte para uma língua alvo, se configurando como uma mediação, ou seja, uma solução paliativa.

O que muitos pensam que é inclusão é na verdade inclusivismo, é ideológico. Que inclusão é esta que deixa a língua materna do aluno de fora? É imprescindível uma educação que acolha o aluno como um todo, com sua língua e cultura.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

¹ Especialista em Educação Especial e LIBRAS. Professora da Universidade Regional do Cariri – URCA. Eixo 9 – Diversidade, Educação Especial e Inclusão. rerbelania@outlook.com
[Digite aqui]

Existem duas vertentes dentro da filosofia bilíngue. Na primeira, a criança surda deve desde cedo adquirir a língua de sinais e a modalidade oral da língua, mas separadamente, para que depois seja “alfabetizada” na língua oficial do seu país. Na outra vertente, a criança deve primeiro aprender a língua de sinais e posteriormente a modalidade escrita da língua oficial de seu país, ou seja, a modalidade oral é descartada. A segunda vertente do bilinguismo é a mais adequada, visto que possibilita a compreensão da sua língua natural e ler e escrever a língua da comunidade ouvinte.

O bilinguismo é uma proposta de ensino usada por escolas que se propõem a tornar acessível à criança duas línguas no contexto escolar. Os estudos têm apontado para essa proposta como sendo mais adequada para o ensino de crianças surdas, tendo em vista que considera a língua de sinais como língua natural e parte desse pressuposto para o ensino da língua escrita. (QUADROS, 1997, p. 27 *apud* SILVA, 2008, p.14).

A escola deve se basear nos princípios sobre as formas de aprender do ser humano que é especialmente mediado pela linguagem, e não o uso “puro e simples” do projetor de slides o qual os professores ouvintes utilizam na escola regular com a convicção de que a aula é inclusiva. Os textos trazem apenas informações escritas, que se apresentam para o aluno surdo como grandes cartas enigmáticas, principalmente na fase inicial de sistematização da escrita. Conforme Guarinello (2009, p. 116), para que o aluno surdo seja de fato incluído, é preciso considerar as “condições de letramento e que estas têm uma correlação direta com as práticas de linguagem vivenciadas em seus contextos de vida.”

Todas as propostas pedagógicas desenvolvidas nas escolas bilíngues traçam linhas considerando os surdos como indivíduos dotados de potencialidades próprias que precisam ser reconhecidas. Isto constitui uma pedagogia surda. Carlos Skliar foi um dos primeiros a utilizar este termo no seu livro *Atualidade da educação bilíngue para surdos*, em 1999. Segundo ele, nessa prática as identidades, a língua sinalizada, a história, as tradições, os valores e traços culturais, enfim, todo arcabouço que faz dos surdos um povo, uma nação, é o centro das reflexões. Tudo isto é compreendido pelo ponto de vista da diferença. O surdo é percebido como completo e não como um deficiente.

A LIBRAS é a língua do surdo e dos que pertencem a esta comunidade. É importante educar através da Libras, pois ela é a manifestação maior da comunidade surda. “Para os bilinguistas, o surdo não precisa almejar uma vida semelhante ao ouvinte, podendo assumir sua surdez.” (GOLDFELD 1997, p. 38). A escola bilíngue possibilita um aprendizado enriquecido pela troca entre os pares, o que não ocorre com sucesso na escola regular.

3 METODOLOGIA

Como metodologia optamos por uma pesquisa bibliográfica, o que nos possibilitou estudar várias particularidades sobre o tema. A investigação teve início através do tópico bilinguismo, em seguida foi perceptível que assuntos como escolas bilíngues para surdos, aquisição da linguagem, cultura surda e pedagogia surda estavam relacionados intrinsecamente. Priorizados os temas, realizamos um traçado sobre os pontos de estudo e aproximamos com a realidade e vontade dos surdos.

4 RESULTADOS E DISCUSSÕES

A escola regular não está preparada (adequadamente) para suprir as necessidades dos surdos. Os alunos não seguem necessariamente a proposta bilíngue defendida pela comunidade surda. Visto que são colocados numa esfera deficiente e não é respeitada as especificidades linguísticas do surdo. A língua de instrução é o Português, a LIBRAS fica em segundo plano.

A Língua Brasileira de Sinais proporciona à criança reconstituir a imaginação e o universo da cultura surda. Na escola bilíngue para surdos os professores utilizam práticas que privilegiam o uso de tecnologias visuais, como mapas conceituais, vídeos e aplicativos que auxiliem de alguma forma na compreensão ou aprimoramento da língua materna e a língua portuguesa.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A escola bilíngue para surdos é importante porque nela a diferença linguística do público é considerada com o uso e difusão da língua de sinais em todo o momento escolar, ofertando um currículo para o ensino em LIBRAS, uso de [Digite aqui]

didáticas, metodologias e práticas educativas direcionadas à alunos surdos. Não basta aceitar a presença da LIBRAS, ela não é um acessório para a língua portuguesa. A Comunidade Surda quer protagonismo, é preciso destinar um espaço exclusivo para o ensino da língua.

Esperamos contribuir de alguma forma para a formação de novos professores, despertando o interesse nos mesmo a atuarem em escolas bilíngues para surdos, além de uma reflexão sobre a valorização da cultura surda e sua divulgação, incentivando novos estudos na área que busquem ainda mais apresentar à sociedade o surdo, sua língua e cultura.

REFERÊNCIAS

GOLFELD, Marcia. **A criança surda: linguagem e cognição numa perspectiva sócio-interacionista**. 7 ed. São Paulo: Plexus Editora, 2002.

GUARINELLO, Ana Cristina et al. **Surdez e letramento: pesquisa com surdos universitários de Curitiba e Florianópolis**. Revista Brasileira de Educação Especial, Marília, v. 15, n. 1, p. 99-120, abr. 2009.

QUADROS, R. M. de. **O bi do bilingüismo na educação de surdos** In: Surdez e bilingüismo.1 ed.Porto Alegre : Editora Mediação, 2005, v.1, p. 26-36.

QUADROS, R. **Inclusão: R. Educ. esp.**, Brasília, v. 4, n. 1, p. 21, jun. 2008.

QUADROS. **Educação de surdos: a aquisição da linguagem**. Porto Alegre: Artmed, 1997.

SKLIAR, C. Os estudos surdos em educação: problematizando a normalidade. In: _____ (Org). **A surdez: um olhar sobre as diferenças**. Porto Alegre: Mediação, 2001.

SKLIAR, Carlos (org.). **Atualidade da Educação Bilíngue para Surdos**. Vol. 2. Porto Alegre: Mediação, 1999.

VYGOTSKY. L. S. **Pensamento e Linguagem**. São Paulo: Martins Fontes, 1989.

UFBA - **A educação que nós, surdos, queremos e temos direito**. [S.l., [200]]. (Documento elaborado pela comunidade surda a partir do Encontro de Surdos na Bahia, realizado na Reitoria da Universidade Federal da Bahia, em 2 de novembro de 2006) Disponível em: <
http://www.eusurdo.ufba.br/arquivos/educacao_surdos_querem.doc Acesso em: 26 nov 2017.